



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaivato

Quinzenário • 30 de Novembro de 2013 • Ano LXX • N.º 1819 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Foi a renda do mês corrente, por pagar, que o trouxe. Muitos procuram-nos com vários meses em atraso; por isso, parecia descabido este pedido de ajuda. A justificação para o seu desalento, pouco comum, foi-se entendendo. Provinha do facto de a dona da casa, onde habita com a sua família, se recusar a receber a renda desde o mês anterior, data em que terminou o contrato de arrendamento, pois pretende que eles deixem a casa devoluta.

De acordo com a lei, abriram uma conta num banco, incluindo nela a senhoria, ficando esta obrigada a levantar a renda nela depositada dentro do prazo legal. A sua aflição estava em que não tinham os 195€ com que cumprir.

A família vive do trabalho deste Pobre homem que nos procurou, o qual no dia seguinte seguiria para cidade distante, onde vai ganhar o pão, nas obras. Experimentado

em duros trabalhos e injustiças que percebemos, ainda tem ânimo para perseverar, pelo que não lhe poderíamos faltar.

Nesse dia, à hora da Missa, falara do rendimento mínimo que, ainda que tenha surgido com boas intenções, vá-se lá saber!, criou muitas situações de paralisia, em sentido oposto ao que S. Paulo dissera aos Tessalonicenses, que não deviam viver na ociosidade, mas trabalhar para comerem o pão que, assim, por direito lhes pertencia.

A família do Pobre de quem venho falando, também já recebeu o rendimento

mínimo. Há algum tempo ficou muito mínimo e, por fim, já não recebem nada. Agora, sem este e com a dificuldade de arranjar trabalho, ficou muito mais difícil cumprir com os seus encargos.

Mas os seus trabalhos não acabam aqui. Não há muitos anos, era comum chamar chefe de família ao pai de qualquer uma. A este Pobre, e a muitos que desempenham heroicamente esta missão, as leis actuais esvaziaram completamente esta responsabilidade, que é de direito humano e divino. Os seus três filhos, tendo o mais velho 12 anos, «começam a fazer-se a mim!» — disse amargurado — «e eu tenho de aguentar, senão vem logo a comissão de menores».

Surgiu este assunto no lume da conversa, porque uma sua vizinha sabendo aonde ele vinha, aproveitou para nos vir pedir que recebêssemos um seu filho de 15 anos. Foi-nos contando a sua vida, mas quando falava nesse filho, não continha as lágrimas porque tinha de falar da violência com que era tratada, chegando ao ponto de propor dar-nos a sua magra reforma, se o acolhêssemos. Na impossibilidade de a podermos ajudar, porque também nós habitamos o mesmo mundo, retirou-se amargurada e chorosa.

Vidas dolorosas e quase desesperadas. «Sabe, padre» — dissera ela — «nesses momentos rezo, e isso é que me faz suportar isto tudo».

Há uns anos, um senhor importante, bem calçado na lei, disse-me que ele nunca tocara com um dedo nos seus dois filhos! Na sequência da conversa veio a perceber-se que os tinha, durante a semana, num colégio...

Pai Américo, num seu escrito, salientou um acontecimento em que um rapaz, no momento em que ia sofrer a pena capital, ao ver a mãe a assistir, pediu para dela se despedir antes de morrer. Ao simular dar-lhe um beijo, deu-lhe uma dentada e arrancou-lhe o nariz, acusando-a deste seu estado, porque não recebera dela a precisa educação. Hoje, neste estado de coisas, de desnorte para os jovens e de clara impotência para os pais e as mães de poderem educar, não está difícil de perceber quem é que acabará por ficar sem o nariz... A Justiça cumpre-se sempre! □



Nós temos que falar às autoridades. Porque ficai sabendo uma coisa: se a autoridade não está com a justiça e com a verdade não tem autoridade.

Pai Américo
(Excerto de alocução pública)

SINAIS

Padre Telmo

É já de Angola — também há *Sinais*. Encontrei o «Capuchinho», que foi catequista quando novo. Agora, já tem pêra grisalha. Tem conversa bonita, quando não bebe. Mas ele bebe, bebe, bebe. Depois, pede e fala *bué*.

«Capuchinho», andando, balanceia pelo caminho de terra batida. Fala sozinho. Voz sem rumo. Vem e vai. É bom amigo. Quando eu morrer, ele vai chorar... Mas se for ele, chorarei também.

Reconstruiu capela e ensinou o «Pai Nosso» às crianças. O Senhor sorriu! Ele é amigo do «Capuchinho»; e sorriu também, quando faz ziguezagues, no caminho batido.

— Não bebas, que matas teu fígado... — Ele diz que sim, que não mais. Esquece logo!

* * *

Quando saí da capela de adobes com o nosso catequista, brincavam as crianças no terreiro. Não sei o nome do jogo: quatro risos no chão, pulos e risos de alegria! Lembrei as trotinetes dos nossos rapazes e no gozo que lhes davam. Não mais. Telemóveis nas mãos — mas longe a alegria.

Há dias, ainda em Portugal, num almoço de família amiga, o filho mais novo (10 anos) quase em toda a refeição brincou com o seu telemóvel — indiferente, apático e triste. Os comensais trocavam impressões sobre educação na família.

No largo da capela, terreno das brincadeiras, um dos meninos estatelou-se no chão. Nem sequer sacudiu a terra — juntou-se ao coro das risadas. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Escolha de civilização

OLHANDO os céus, por estes dias de frio de rachar, viram-se cinzentos e a fechar, e a puxar para a lareira comum familiar. Entretanto, o Sol iluminou o vale e as serranias, onde já não apita o comboio e em que se aproveita a energia do vento, formando-se já mantos brancos pela aurora.

Não querendo ser dominados pelos papéis, tivemos de pousar a vista em questionários, longos, sobre cada filho acolhido nesta Família, a que se respondeu. As estatísticas entraram por todo o lado, das finanças às ciências sociais, como indicadores das realidades e de planeamento. Têm a sua grande utilidade; porém, pode-se ser escravizado e cair em erros de perspectiva. As pessoas, na sua individualidade única e irrepitível, com histórias e circunstâncias próprias, não são

números. Apeteceria responder aos ditos, assim e na diagonal, simplesmente: *Já se come broa há 80 anos...* e, nesta colheita, as canseiras com o milho valeram mesmo a pena.

Um dos itens refere-se ao *projecto de vida*, para cada membro desta *fratria*, alargada. Na sua maioria, actualmente, será porventura o seu regresso à família nuclear. Porém, a pobreza material, a ausência de um ninho estável, raramente com o pai e a mãe juntos, fizeram-nos chegar a este colo familiar possível, de afectos e desenvolvimento tendencialmente integral, onde vão permanecendo. Os cuidados necessários, atenções e intenções, que todos reclamam, são mais que muitos, diariamente. Do agasalho à bota, mais a tigela e o conduto, até aos bancos das escolas e dos hospitais, é uma roda que não

pára. Afinal, *todos se criam*, diz o povo e bem.

Qualquer sociedade que abandona os frágeis e na qual não se transmite vida pode chegar à falência. No contexto actual, há uma certa tendência para esconder a debilidade e o sofrimento humano. Onde encontramos afinal os rostos e a carne do Crucificado? As pessoas assim parecem constituir um problema, mas são uma inesgotável riqueza e beleza, no mundo. Para a Igreja, não são apenas utentes nem objectos de solidariedade, mas *Cristos vivos*, protagonistas da evangelização, a exemplo do Bom Samaritano. Por isso, *cuidar das crianças e dos idosos é uma escolha de civilização*, venceu o Papa Francisco. A sabedoria da velhice, o tesouro dos débeis e a vitalidade da infância são jóias insubstituíveis das comunidades e da história humana. Sociedade que não acarinha e promove a vida humana e a

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

50 Anos da Casa do Gaiato de Malanje LANÇAMENTO DO DVD

Padre Telmo Ferraz
Mibangas e Frutos
um documentário de
Henrique Manuel Pereira

12 de Dezembro de 2013
Universidade Católica · Porto [Campus Foz]
Auditório Ilídio Pinho · 21h30
ENTRADA LIVRE

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS NOSSAS VIDAS E O NOSSO PRÓXIMO — As nossas vidas pessoais e profissionais ocupam-nos muito. A pretexto de ajudarmos o próximo, não devemos descarregar nos outros o que podemos e devemos fazer nessas nossas vidas pessoais e profissionais. O nosso próximo começa em casa e no nosso local de trabalho.

Dito isto, também não devemos fazer como o sacerdote e o levita da parábola do Bom Samaritano que, passando pelo homem que precisava de ajuda, seguiram em frente para cuidar das suas vidas e não o ajudaram.

Na pressa das nossas vidas pessoais e profissionais, fazemos isto muitas vezes. Às vezes, vemos quem precisa de ajuda e não ligamos, mas, outras vezes, nessa pressa, nem sequer vemos quem precisa de nós, e seguimos em frente para cuidar das nossas vidas. Por vezes, o que podemos fazer para ajudar os outros nem sequer é muito. É só dar alguma atenção a alguém. Falar um pouco com quem não tem com quem falar. Ajudar alguém nalguma pequena tarefa da sua vida diária quando as forças já faltam. O que para nós é pouco, para outros, que precisam de nós, pode ser muito, havendo casos onde isso pode fazer uma grande diferença para melhor na vida dessas pessoas.

Nas reuniões da nossa Conferência costumamos ter um tempo para nos perguntarmos sobre se há casos novos de pessoas que possam precisar da nossa ajuda. Isso não nos garante que encontremos esses casos todos, se os houver, mas quer consigamos fazê-lo, quer não, é uma inquietação que deve estar sempre presente na actividade das nossas Conferências.

Cristo nasceu “escondido” na simplicidade do presépio e continua a andar por aí “escondido”, à espera que essa nossa inquietação pelo próximo O descubra. Que a pressa e as preocupações das nossas vidas não nos impeçam de O ver onde Ele está.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

JORNAL — Voltamos à tradição antiga da nossa Obra, da venda do nosso Jornal. Começámos por distribuir O GAIATO no Modelo-Continente em Paredes. Iremos percorrer outras lojas onde esperamos encontrar muita gente que queira recebê-lo. O Jornal não tem preço, cada pessoa dá o que entender, de acordo com a sua generosidade.

OUTONO — Na nossa avenida temos andado a apanhar as folhas que caem das árvores. Mas mal estão apanhadas, logo caem outras e a avenida fica novamente enfeitada de folhas de carvalha. Também já se

começa a sentir o frio logo de manhã. Olhando ao longe a nossa mata, faz-nos lembrar a Serra da Estrela, porque está tudo branquinho devido à camada de geada.

PADRE TELMO — Já regressou à Casa do Gaiato de Malanje. Gostamos muito de o ter cá nestes últimos meses, com as suas brincadeiras e boa disposição. Desejamos que corra tudo bem em Angola e em todas as nossas Casas de África. Também já temos disponível a reedição dos seus últimos livros: «ConTigo no Planalto», «Pelo Caminho das Tipóias», e «Mibangas e Frutos», que estão à

disposição de quem os desejar adquirir nesta nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

TIPOGRAFIA — A nossa Oficina Escola de Artes Gráficas está a procurar desenvolver a sua capacidade de trabalho, para que mais dos nossos Rapazes possam aprender este ofício. Temos andado a procurar angariar mais clientes, em várias localidades próximas de nós. Se os nossos Amigos e Leitores estiverem a precisar de trabalhos tipográficos, contactem-nos e peçam-nos um orçamento, que daremos com todo o gosto. Agradecemos a vossa colaboração. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

50 ANOS DA OBRA DA RUA EM ANGOLA — Os festejos do Cinquentenário das nossas Casas do Gaiato em Angola vai ser uma realidade. Estamos a tratar da documentação necessária para aqueles que, dentro das suas possibilidades económicas, juntaram o equivalente para as viagens, possam realizar o sonho, já há alguns anos idealizado. Os nossos Amigos da Agência *Bem-Vistos Angola* têm-nos ajudado na obtenção dos documentos, para no consulado de Angola obtermos os respectivos vistos.

As viagens já estão pagas e os voos marcados para o dia 29 de Janeiro,

às 20 horas, com partida do Porto. O regresso será no dia 12 de Fevereiro, às 11 horas em Luanda. São duas semanas, uma em cada Casa. O nossos Padres Telmo e Manuel António — de Malanje e Benguela, respectivamente — irão providenciar para que a nossa estada tenha êxito e dê bons frutos. O programa ficará também a seu cargo, para que, dentro da normalidade das Casas, haja harmonia entre os actuais e os antigos Gaiatos e os Amigos da Obra da Rua que possam honrar-nos com a sua presença. Somos vinte; alguns, com suas esposas. Pai Américo abençoará os seus filhos, comunicando Vida e Alegria.

Agradecemos à transportadora angolana TAAG que nos proporcionou bilhetes a preço acessível. Esperamos continuar a contar convosco.

Os momentos actuais de crise não são propícios ao esbanjamento de bens necessários para viver, o que nos leva ao propósito de ver se conseguimos levar uma ajuda às nossas Casas de Angola. Daí termos contactado algumas Empresas e Amigos, anunciando-lhes esta nossa intenção. Já recebemos algumas respostas positivas. Queremos, através da vossa resposta, levar também a vossa presença.

Bem-hajam. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Em meados de Novembro, as temperaturas desceram. Nesta estação do ano, as árvores de folha caduca têm largado muitas folhas que são varridas para estrumar as terras. Para as nossas refeições, temos boas couves serrana e troncha, na horta. Os dióspiros estão a amadurecer no pomar. Das espigas, no celeiro, vão-se moendo para as galinhas. Começou-se a apanha da azeitona, nos vários olivais, com os Srs. Pedro e Emídio, e a ajuda dos Rapazes, sendo boa a colheita. Os frangos estão a ficar crescidos.

MAGUSTO — Como tem sido tradição, a Paróquia de S. José, em

Coimbra, através do seu Prior e dos seus grupos de Catequese, convidou-nos a participar no seu magusto, a 17 de Novembro, Domingo, de tarde. Com os adolescentes, houve jogos populares. No salão paroquial, assistimos à representação da vida de S. Martinho; e depois houve um alegre convívio com boas castanhas e uma boa merenda. Deram-nos material escolar. A todos, o nosso muito obrigado!

ESTUDO — Como os nossos Rapazes do 1.º ciclo têm de frequentar o Centro Educativo, no extremo da Vila, o nosso edifício escolar tem sido aproveitado para Centro de

Estudo da malta até ao 3.º ciclo, com a ajuda dos Professores Destacados Paulo, Alberto e Francisco.

DESPORTO — Aos Sábados de tarde, os atletas podem treinar e jogar no campo grande, sob a orientação do Sr. João Aurélio. É importante a disciplina para tudo correr bem.

CONTACTOS — É útil para os nossos amigos e amigas, de vez em quando, informar quais são os nossos contactos: Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt. □



DOUTRINA

Pai Américo

Visitantes

FEZ em Maio passado que nos estabelecemos neste cantinho de Portugal, começando logo a ser visitados. Caminhamos para os sete. Parece que a corrente humana deveria começar agora a diminuir, mas não. Aumenta. Engrossa cada vez mais.

Para não irmos mais longe, digamos o que foi o Domingo passado e acrescentemos que os outros são na mesma. É o povo. O povo trabalhador e pacífico. Naquele Domingo, a Capela da nossa Aldeia encheu-se à Missa das oito. Trabalhadores de Gondomar, de S. Mamede, de Matosinhos, de Vila Nova de Gaia. Dispersam-se pela nossa Aldeia. Entram nas dependências de todas as moradias. E o que eles mais gostam é de ver os rapazes a rilhar. Pedem licença para assistir e invadem o refeitório dos grandes; e invadem o refeitório dos pequenos. Entram na cozinha, tiram os testos num delicioso «ai que cheirinho!» Sem os rapazes saírem dos refeitó-

rios também aquele povo não sai. São dois apetites diferentes, mas ambos um apetite: os nossos rapazes, de pão; os nossos visitantes, de justiça. E é isto precisamente o que os faz chorar. Sim; chora-se. Chora-se muito enquanto os rapazes comem o seu caldo, descuidadamente. Eu estou sentado ao pé deles a comer também o meu caldo. Não choro, mas compreendo aquelas lágrimas.

À tardinha daquele Domingo, os rapazes foram recolher os donativos que havia nas *alminhas* e no hospital e na Capela. E querem os senhores saber quanto nós contámos em moedas pequeninas? Perto de sete mil escudos!

Não se trata de sobras; gente daquela classe não tem sobras para dar; dá daquilo que lhe faz falta. Reparte do que precisa para si e para os seus filhos. «Nós andamos todo o ano a descontar vinte e cinco tostõezinhos por semana, para termos o prazer de vir aqui neste mês». Eis a revelação de um amor perfeito. Amor igual ao das Catacumbas, quando todos os Irmãos se ajudavam em simplicidade. O amor destes nossos visitantes é assim. Eles deixam ficar no hospital, na cama dos pequeninos doentes e vão direitinhos à Capela fazer o mesmo. É preceito dos Apóstolos. O amor do Próximo faz o amor de Deus. Mais: ninguém diga que ama a Deus se antes não vai aos hospitais.

UMA coisa que também anda muito afinadinha, é o serviço dos cicerones. Alguns têm adquirido tal fama que os visitantes, mal chegam, mandam chamar por eles. É só para os não envaidecer que os não nomeio aqui, mas os senhores sabem perfeitamente quem eles são; os senhores que fazem questão da sua presença e serviços. Eles andam munidos de uma saca de chita onde recebem tudo quanto se lhes dá; e à noite entregam. Se algum é portador de somas consideráveis, passa a ser muito nomeado na Aldeia. É possível que um ou outro guarde para si algum. É possível.. Já tem acontecido. Mas é muito maior o dom da confiança que neles se deposita. Mesmo que prevariquem; mesmo que sejam infiéis — a gente finge que não vê e que não sabe e eles passam a ver e a saber. Oh! mistério das almas!

O «Presidente» é um dos mais falados e também é um dos que costuma entregar mais. Vem ter comigo, mete a mão dentro da saca, tira dinheiro dela e entrega. Eu conto e desando. Ele fica no mesmo lugar. Mal me afastado dois passos, o «Presidente» chama por mim: «Venha cá; tome lá mais». Domingos tem havido em que me faz isto muitas vezes: «tome lá mais». O «Presidente» gosta muito de me gozar.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

DONA DEOLINDA

Padre João

VI-A, pela primeira vez, em Paço de Sousa, na Casa do Gaiato, aquando eu próprio era ali um recém-chegado. O simples “ver” está longe do “conhecer”. Pois enquanto aquele é imediato, este pressupõe a convivência, portanto, a proximidade, como todos sabemos.

Conhecia-a sempre “embrenhada” na complexa sala de costura que é a de uma Casa do Gaiato...

Em Paço de Sousa ela dedicava-se à roupa, a todo tipo de roupa, apreciando e seleccionando conforme a qualidade, tamanho e necessidade. De um dos mais belos “torreões” de Paço de Sousa, por cima das escolas, fez seu local preferido de trabalho. Bom gosto que logo ali revelou, ou não tivesse tido a sua vida profissional a marca do “corte e costura” fazendo “jus” à sua profissão de modista. A roupa que lhe merecia mais cuidado era a dos Rapazes que tocavam na banda de música, obviamente.

O tempo foi rolando e com ele a nossa vida. Vim reencontrá-la em Setúbal, terra a que associada esteve sempre a sua vida de “cruz-ressurreição”, com o apelo da Casa do Gaiato, de permeio.

O nosso reencontro tinha agora mais um ponto de contacto semanal: O Lar da Venerável Ordem do Carmo em Setúbal na Missa vespertina de sábado. Habitualmente lá estava ela no seu lugar, esboçando

sempre um sorriso de simpatia e acolhimento sob o olhar materno de Nossa Senhora do Carmo de Quem era devota e se “tornou” irmã.

A partir dali, soube que estava com muita disponibilidade e desafiei-a a dar uma ajuda no acompanhamento dos meninos-gaiatos que andavam na fisioterapia no São Bernardo.

Ontem, durante o magusto, cruzei-me com um deles, o Suleimane. Pareceu-me algo triste... nada há de mais preocupante que uma criança entristecida: «É por causa de uma amiga que nunca mais vinha...» Era a Dona Deolinda.

Falei-lhe do Céu, o “lugar” belo para onde se tinha mudado, levada nos braços amigos de Jesus, do seu Baptismo, ainda por realizar, como oportunidade para compreender esta passagem, esta mudança difícil de entender e de explicar a uma criança.

Um toque de grande feminilidade caracterizava esta Senhora, que tão bem se apresentava diante de grandes e principalmente dos mais pequenos, significando isso mesmo, já de si, um acto de respeito e de elevada consideração e educação para com todos.

Deus, “Beleza incriada”, não deixará, agora, de lhe dar o lugar que procurou merecer, na Glória que não passa. □

SETÚBAL

Padre Acílio

F E S T A S

A primeira será na Humanitária de Palmela, já no próximo dia 15 de Dezembro, um Domingo rentinho ao Natal.

As Festas da Casa do Gaiato são realizadas sempre pelos próprios Rapazes. Eles é que são os actores, os músicos, os declamadores, bailarinos, cantores e apresentadores. Assim, uma festa é sempre uma amostra da Casa do Gaiato, da sua finalidade e da harmonia que reina dentro dela.

São muitas e variadas as sugestões para que envolva a comunidade no espectáculo, convidando a juventude da terra, para que atrás dela venham os seus familiares e amigos e mais facilmente a sala se encha.

Por enquanto, não iremos fazer tal experiência, preferimos agarrar-nos à fonte originária e revelar, pelo espectáculo, a beleza da Casa do Gaiato.

Não tenho tido nem forças nem gente para nos apresentarmos em público, ensinando e diver-

tindo os nossos Amigos, pondo-os diante desta realidade nova, que é a nossa Casa.

Foi preciso preparar os personagens, criar neles à-vontade, ensiná-los a vencer o receio natural de encarar o público e, mais ainda, criar ambiente que galvanize os Rapazes e os entusiasme ao sacrifício que um espectáculo sempre acarreta.

A seguir à Humanitária, o sucesso repetir-se-á noutras terras, vilas e cidades, despertando o carinho que a Casa do Gaiato suscita.

Começamos pela Humanitária de Palmela por ter sido nesta Sociedade que encontramos, há três anos, o apoio mais forte, com a cedência de cinco professores de música que, aos sábados, vêm à Casa do Gaiato ensinar o solfejo e a manejar os instrumentos. Rapazes e raparigas jovens, pouco mais velhos que os nossos, repletos de música, entusiasmo e exigência, têm feito dos nossos rapazes habilidosos membros de uma encantadora banda. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

família, cava uma vala comum. A beleza da Boa Notícia passa sempre por esta missão vital, cada vez mais urgente, perante desvios e mentalidades, para que se desenvolvam comunidades saudáveis e com futuro.

Para responder às solicitações mais prementes deste recanto familiar, como em qualquer agregado, os bens alimentares são uma preocupação contínua. São as mesas que têm de se pôr três vezes mais duas *buchas* por dia e todos os dias com sofreguidão. São as pessoas, em número crescente, que vamos encontrando a clamar por comida, medicamentos e satisfação de outras necessidades da sua prole e do seu abrigo, como este gemido insistente: — *Sou mãe de um menino e, mais uma vez, estou a precisar de ajuda, porque não estou a conseguir e estou a passar dificuldades*. Temos detectado sinais de desnutrição, escondidos, em crianças que vamos conhe-

cendo, enfezadas para a sua idade. Esta chaga atinge multidões no Globo, por catástrofes naturais, guerras e injustiças, cuja fome crónica vai prejudicando seriamente o organismo humano, como os neurónios. Entre nós, o *Buba* chorou convulsivamente quando, por burocracias, teve de se deslocar à zona de onde veio, definhado, com receio de voltar à miséria.

A visita e o encontro pessoal são passos seguros, na acção eclesial, reconhecendo a dignidade humana de quem está fragilizado e promovendo-a no que é possível. Mesmo com sinais visíveis de carências, quando é viável e prudente, os rebentos devem crescer ligados ao tronco, com os pais, idóneos, se forem ajudados e acompanhados. Conhecemos situações de menores que não devem mesmo ser desenraizados.

Desta feita, nos carreiros que percorremos com lares à mínima, escutámos uma dezena de vezes: — *Obrigado!* Sim, é uma obrigação de consciência e cristã

distribuir, partilhar o pão, pois o milagre da multiplicação de Jesus não foi virtual e hoje é e deve continuar a ser real.

A abrir a *procissão*, um *estandarte* foi levado por uma mãe que pegou em sacos de arroz à cabeça e os segurou bem nos braços de escadas até ao cubículo, onde padece uma avó, com tumores, e que nos suplicou outra vez: — *Tome conta dele, pois não temos condições*.

Depois, em vez de imagens, vimos os olhos cintilantes do pequenino Edmar, ao colo materno (é o ideal!), à espera de farinha láctea. Entretanto, revisitámos também outra mãe forte, com dois filhinhos enfermos ao seu cuidado. É urgente ir levantando ânimos e dizer olhos nos olhos: — *O Senhor não se esquece de ti!* E conhece cada um de nós pelo nome. Entre tantas dependências, esta não destrói ninguém, quando bem orientada, ao ouvirmos: — *Quando voltam?*...

Num bairro com toxicodependências, onde é dito que se trafica *crack*, em becos escondidos e ombreiras de portas, vimos sim

VINDE VER!

Padre Quim

Uma questão de princípios

A grandeza de uma Obra humilde e pobre como é a nossa, com facetas diversificadas de uma vida familiar fraterna, humana e cristã, firmemente assente nas bases dos valores excelentes que primam pela boa convivência, espelho reflexivo e desafiante para a própria sociedade em geral, consiste na forma como ela consegue envolver todos os seus membros numa forma organizacional de vida “quase perfeita”. Ela é parte do tesouro a repartir por todos de igual modo. A cada um cabe um pedaço. Uma das maiores riquezas a proporcionar aos seus filhos.

O objectivo continua a ser o mesmo, fazer do rapaz um homem, com tudo o que isto significa. E quando, sem querer, deixo escapar esta expressão, os corações, ávidos e insaciáveis de lucro volátil, pensam nas notas de referências monetárias. Oh, leve estrutura social!, de quantas artimanhas te foi bloqueado o sistema de compreensão das verdades seguras?!

Somos uma Obra mendicante e, se de bens, equivocadamente, se vier a ela referir, este é unicamente constituído pelos Pobres, que nela habitam.

Alguém, de fora, veio e, ao ver o espantoso modo da nossa vida — os pequenos a varrerem o pátio do cruzeiro, as avenidas que vão dar às casas; outros tantos nos jardins a podar e a estrumar; outros, ainda, a cuidar dos animais; enfim, nas várias actividades — quis saber como isto era possível.

Todo homem deve viver do seu trabalho. Em nossa Casa há-o para todas as idades, como instrumento educativo e reconstrutor da dignidade perdida. É urgente encontrar trabalho para os maiores na cidade, para que, trabalhando tranquilamente, venham amanhã a saborear o pão com o suor do seu rosto. Primeiro acto de justiça social. Se é quase impossível com homens adultos e experimentados, como pode ser para os inexperientes garotos, aparentemente espertos, mas inconstantes. A resposta veio imediatamente do *Cantinho dos Rapazes*: «Têm um chefe. É ele quem risca e tudo funciona harmoniosamente. Pois, que eles se governam. Por isso, nas habitações é tudo feito por comunidades. O auto-governo pelos rapazes. E sabem que sem responsabilidade não se pode dar nenhum passo e quem o faz, cai em terreno falso e escorregadio».

Eis a sublime doutrina da boa consciência: «Dentro dos nossos muros, tudo vos é permitido, menos pecar. O pecado é o mal». Podendo transgredir e não o fazer.

Pai Américo diria a propósito: «Podes transgredir. Podes fazer tolices. A tua nota de homem livre não reside, porém, no poder que tens de fazer o mal... a nossa marca divina está, sim, no poder e não querer. A Escritura sagrada chama feliz ao homem que pode transgredir e não o faz, por amor aos Mandamentos da Lei de Deus. Ora aqui temos: por amor à Obra, não pretendas saltar a corda, não te escondas, se por desgraça te perderes, porque ela saberá recuperar-te dos teus ínvios caminhos».

Hoje, na Missa matinal, ouvi proclamar que um ancião morrera por amor às santas Leis de Deus. Para deixar aos jovens o exemplo de coragem e de fidelidade aos princípios pelos quais vivemos e nos movemos.

Um autor do século XVIII, não quis dizer muitas palavras com isso, mas disse o suficiente: «Os princípios são eternos». E a vida é feita de princípios. A nossa não seria possível, pela sua natureza e marca de originalidade, sem os marcos de orientação e disciplina.

Ora, trago aqui o caso recente de dois irmãos, Tony e Nando, o “espertalhão”, que fugiram para os lados da Catumbela. Voltaram no dia seguinte acompanhados da avó que não os pode ter com ela. Outros, liderados pelo Firmino, foram para a cidade, à antiga casa onde estiveram. No fim do dia, regressaram e receberam a correspondente repreensão. Correção fraterna e educação do sentido comunitário de liberdade na responsabilidade. Todo o bem procede directamente de Deus, procurai este bem, ainda que, às vezes, vos pareça amargo.

A conclusão é de Pai Américo, *toda a vida e costumes das nossas Casas estão para vos conduzir a estas verdades eternas, mas sem o Pai celeste nenhum de vós lá chegaria — nenhum. Só Ele é o Caminho. Tudo mais, encruzilhadas*. Que lindo! □

rostos de gente cadavérica e marginal, a engrossar a exclusão social.

Na escuridão de vidas escondidas, um simples facho alumia. Quando a população portuguesa vai envelhecendo, para mal dos nossos pecados, as luzes de vidas humanas nascentes, mesmo pobres, são raios de Sol. Então, encontrámos um recém-nascido, com sua mãe, de saída para uma consulta, numa viela estreita, cujo pai emi-

grou para a França, como noutras décadas difíceis desta Pátria.

Na maioria das situações não vislumbrámos regularidade civil nem canónica e isso nem sequer foi acenado. Os filhos e os seus pais, embora marginais, é que nos vão prendendo a atenção e o coração pastoral. *Quem os acolhe a Mim me acolhe*. Ao olharmos bem para Nazaré, a opção pela vida humana em família é o caminho e a escolha certa da civilização do Amor! □

MALANJE

Padre Rafael

Venho buscar o que estava perdido

PASSAMOS metade da nossa vida em busca de coisas perdidas... sentimentos perdidos... pessoas perdidas... e acabamos por perder-nos no meio de todas essas buscas. Contudo, um dia damo-nos conta de que aquilo que procurávamos já havia sido encontrado.

«Faz três anos que a minha sobrinha me pediu que deixasse o meu filho passar um fim-de-semana na sua casa, pois vive na cidade e nós vivemos numa aldeia chamada Cacuso. Quando caiu a noite, chega-nos a notícia de que Vado não aparece e começámos a procurá-lo por toda a cidade... depois, através da rádio... por fim, desesperados, com os adivinhos que nos diziam que o menino tinha sido raptado para escavar diamantes... Passámos meses e meses, percorrendo a Província de Malanje, sem o encontrarmos.

Segundo a versão da minha sobrinha, as crianças haviam saído para brincar na rua e Vado deve ter-se perdido. A minha família acabou por culpar a rapariga pelo desaparecimento, inclusive que havia sido uma montagem para o vender. Eu também culpei o meu marido, pelo desaparecimento do meu filho e ele acabou por ficar doente.

Há um par de semanas, um jovem que veio à Casa do Gaiato, carregar areia, viu Vado, rindo e brincando, no pátio da Escola e chamou-o. Ao reconhecê-lo, avisou-nos que Vado estava vivo. Ao

receber a notícia, desmaiei, pois em todos estes anos só tínhamos a nossa oração. E aqui estamos, rindo e chorando de alegria, ao vermos o nosso filho; parece que estamos sonhando.»

Vado chegou à Casa do Gaiato no ano de 2011... alguém o deixou junto à porta e ele entrou. Quando os rapazes mo trouxeram, ele não falava, apenas chorava. Pensei que o haviam deixado, de propósito, para que ficasse na Casa do Gaiato. O pequeno, com apenas oito anos, não tardou em adaptar-se à dinâmica da Casa e só passados meses nos disse que era de Cacuso... Por outro lado, como o Governo costuma fazer relatórios sobre as crianças não identificadas, pensámos que se encarregaria de procurar a sua família. Sempre pensei em levá-lo a conhecer a sua família que, para mim, o havia abandonado... e hoje é um dia feliz para todos nós, ao vê-los aqui.

Agora, Vado não quer ir-se embora da Casa do Gaiato, pois tem aqui os seus amigos, a sua Escola — a sua segunda família. Ele aceita ir a Cacuso, mas só de

visita. Hoje mesmo levámo-lo a Cacuso com os pais... Ali tudo eram abraços, danças, beijos e lágrimas, porque já havia sido encontrado.

* * *

Finalmente, conseguimos semear o milho, com um mês de atraso por causa das chuvas. Agora, vamos preparar a terra para a mandioca... O tractor que nos ofereceu, há um ano, o Padre Baptista, trabalha mais de dez horas por dia.

Estamos a ponto de finalizar o ano lectivo. Os rapazes começaram as provas finais. Este ano é muito importante para eles, porque aqueles que reprovarem e forem maiores, não vão poder continuar os seus estudos na nossa Escola, terão de frequentar uma escola de adultos.

Chegam-nos notícias de que o nosso Padre Telmo regressará este mês de Novembro. Nós esperamo-lo ansiosos, para celebrarmos os seus 88 anos — e os 50 anos desta Casa do Gaiato de Malanje. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Os nossos irmãos que sofrem, estão presos à vida pelo fio de orações dos verdadeiros discípulos de Jesus, que são todos aqueles que provocam nos pagãos de hoje, o vede como eles se amam, dos pagãos d'outrora.

in Pão dos Pobres, 2.º vol., 1.ª Ed., p 32

BENGUELA

Padre Manuel António

O Amor é o pleno cumprimento da Lei...

POR isso, a dívida que sempre nos deve acompanhar é a de nos amarmos uns aos outros, partilhando o que temos e somos com os mais necessitados. Há dias, recebemos a comunicação duma Senhora amiga, residente em Luanda, a pedir-nos o número da conta bancária da Casa do Gaiato de Benguela. O seu donativo foi tão generoso, que encheu o nosso coração de confiança e alimentou a esperança para o futuro. Duas facturas pesadas foram pagas. Restou uma parte com o destino marcado. É um exemplo maravilhoso da força do Amor autêntico. A forma de gestão das ofertas que nos chegam não é pôr e sobrepor, mas pôr e tirar, para as necessidades urgentes que encham a nossa vida. A solidariedade é, sem dúvida, a pedra preciosa dos corações grandes. Por isso, é necessário cultivá-la a nível pessoal, das empresas e de todas as entidades sociais. É o sinal dum mundo que se torna mais humano

porque mais fraterno. Esperamos que o gesto da nossa Amiga D. Leonor, seja uma referência animadora para todos os corações. Que o Pai do Céu multiplique na sua vida os grãos da sementeira que fez.

O grupo comunitário do bairro de N.ª S.ª da Graça, vizinho da nossa Casa do Gaiato de Benguela, foi criado, há bastante tempo. É constituído por representantes das forças vivas sociais do próprio bairro. Os Leigos para o Desenvolvimento são a força animadora. A Casa do Gaiato foi convidada a fazer parte do grupo. O objectivo da sua acção é o contacto com os principais problemas do bairro. A partir da sua descoberta, vem todo o esforço possível para encontrar a respectiva solução. É uma iniciativa muito interessante, pois compromete os membros do bairro na busca da solução dos seus próprios problemas. Este dinamismo participativo contribui para uma

vivência mais responsável dos agentes sociais do próprio bairro. Na última reunião, foram apresentados alguns problemas que vão merecer uma atenção especial dos respectivos membros. A delinquência juvenil, fruto do abuso do álcool e da droga, é um caso muito preocupante. Sabemos, pela experiência, o mal gravíssimo que representa. Os nossos rapazes não estão isentos do contacto com esse tipo de jovens. Fazemos tudo o que podemos para os ajudar a ter consciência das consequências nefastas desse vício. Contudo, permanecem sujeitos ao perigo da sua influência. O grupo comunitário irá fazer o que puder para encontrar caminhos para atenuar tão grande mal.

Outro problema prioritário está relacionado com o abandono dos filhos da parte dos pais. Constitui, sem dúvida, um problema social grave. É necessária uma acção junto dos pais, no sentido

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A dedicação aos Pobres, feita por amor de Deus, encerra em si mesma uma forte carga apostólica e, mais ainda, se for realizada por gente pobre. Ela brota espontaneamente, como a flor da planta no seu tempo próprio.

O *Património dos Pobres*, como toda a obra do Padre Américo, desenvolve a sua acção apoiada na Providência Divina, que age através dos crentes iluminados pelo Espírito Santo.

É uma Obra pobre ao serviço dos pobres e não uma obra do Estado nem encostada às suas ajudas. Sobrevive da nossa entrega, de quantos têm espírito de Pobre e da nossa pobreza. Pai Américo chamou-lhe pobreza escandalosa. Se naquele tempo escandalizava, quanto mais hoje em que a tendência é quase toda para a segurança e uma contínua fuga da aventura sobrenatural.

Ainda antes do tempo arrefecer, numa tarde clara de luz, chegava eu a Casa, quando uma Senhora me interpela no meio do jardim:

— *O senhor é cá desta Casa. Vim trazer umas roupinhas dos meus filhos e uma bicicleta que eles já não usam.*

Cumprimentei a visitante, apresentando-me, e agradei a sua colaboração. Estávamos num grande largo, com as tangeras na sua cor característica a aparecer no meio das folhas verdes e isso prendia-me o olhar.

A Senhora, uma mulher dos seus 35 a 40 anos, mostrava-se ansiosa por saber mais da Casa do Gaiato.

Vendo uma multidão de Pobres a aguardar que os atendessem, dispara, repentinamente:

— *Que gente é aquela?*

— *São pobres à procura de roupa, alimentos e, quando podemos, outras ajudas para o pagamento das receitas, rendas de casa, água, gás, electricidade, etc. ...*

A Senhora estremeceu. Disfarçou quanto pôde o rebenamento das lágrimas e emudeceu. Foi tanta a sua comoção que me contagiou e ambos simulamos fortaleza. Olhou-me, baixou os olhos e disse, de maneira confusa que ainda percebi:

— *Voltarei com roupas minhas, do meu marido e uns quilinhos de arroz.*

Despedimo-nos. Ela voltou-se na calçada com alguma rapidez, reparou na relva do jardim e cobriu-se de silêncio, parecendo-me falar com Deus!

Quanta gente boa deste mundo não sabe do sofrimento alargado dos Pobres. Espantou-se naquela hora com a multidão deles, nesta Casa a que veio ajudar!

Fazer bem melhora o homem, este é um dos carismas do *Património: Abrir e curar os corações.*

Deus está sempre no meio: Quem dá, fá-lo pelo Seu Amor; e quem recebe, aceita-o com gratidão sobrenatural. É Deus que preparamos e o Seu Amor que se revela. □

de os levar a não cometer esse crime contra os Direitos humanos dos filhos. Está aqui uma das causas da existência da multidão de crianças abandonadas, com os seus pais vivos. Há pouco tempo, fui a um dos bairros próximos buscar três filhos, com idade dos 10 aos 6 anos, sem registo civil, nem escola. A rua era o seu espaço habitual. A mãe, pobre mulher deficiente e incapaz. O pai abandonou a mulher e os filhos e foi-se para longe. De momento, são filhos normais, a viver na sua nova família, que é a Casa do Gaiato. Há multidão de casos, como este exemplo. Por isso, o grupo comunitário vai fazer tudo o que puder, no sentido de acompanhar situações semelhantes, em risco da desgraça, antes que aconteçam.

A gravidez precoce é outro flagelo social que afecta também o bairro. Por isso, haverá um esforço consciente, no sentido de mentalizar as jovens e os jovens para o risco desse tipo de gravidez. É, em grande parte, uma porta que se abre para os filhos irem para a rua. É um trabalho a

fazer na família, nas escolas, nos centros de encontros juvenis, nas igrejas e em toda a parte. Estamos, sem dúvida, na área dum saneamento básico para uma sociedade nova, humanamente digna. A perseverança neste trabalho, como em todos os que dizem respeito à educação, é o segredo do seu êxito. A ocupação saudável dos tempos livres, em espaços adequados, é um dado importante. A juntar a estes problemas, o bairro tem grande número de idosos carenciados, que vão de casa em casa, mais longe e mais perto, à busca do seu sustento. O bairro deve ter um espaço, ao jeito duma casa de família, onde estes filhos mais velhos encontrem o necessário para a sua sobrevivência. São ocupações, profundamente humanas que devem estar muito vivas no coração dos membros do Grupo. Deste modo, o bairro terá um coração que sente as alegrias e as aflições dos seus membros. Esse coração é o Grupo Comunitário. Vamos animá-lo. Esta experiência ou outras semelhantes devem estender-se o mais possível. □